

O A. faria uma obra completa se se desse ao trabalho de juntar ao livro, ao lado das eruditas referências bibliográficas, uma pequena discografia ilustrativa dos assuntos tratados. E para ele, vivendo em França, não seria difícil: bastaria copiar alguns títulos do catálogo da *Anthologie sonore*, a excelente coleção (já com mais de 160 discos), atualmente dirigida por Felix Raugel, e na qual a música medieval figura com os exemplos mais expressivos que chegaram até nós.

### ODILON NOGUEIRA DE MATOS

CIDADE (Hernani). — **Luís de Camões — O Lírico**. Livraria Bertrand, Lisboa, 1952. 2a. ed., revista e ampliada. 354 pp.

Os estudos da obra lírica de Camões levados a efeito pela erudição de Hernani Cidade datam de quase 20 anos, quando em 1936, na "Revista da Faculdade de Letras de Lisboa", escreveu "LUÍS DE CAMÕES — I. o Lírico". Num crescendo de novas contribuições pessoais, na forma como na substância primitiva do seu trabalho ("Luís de Camões — A Vida e a Obra Lírica", edições *Ocidente*, Lisboa, 1943), a peregrinação de Cidade pela poesia lírica do vate lusitano culminou na obra monumental que hoje vem a lume, com a mesma epígrafe. Relativamente à sua obra "LUÍS DE CAMÕES — o Épico" ("Rev. da Fac. de Letras, Lisboa, 1950), já nos pronunciamos através das páginas da "PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO" (*Globo*, 1951, n.º 16, págs. 118-121). Hoje, movidos pela mesma sincera e profunda admiração da trajetória crítica do ilustre professor, nos propusemos passear por entre as flores de sua nova publicação, um dos seus primeiros pontos de chegada. Cidade constitui, sem restrição alguma, grande honra para a Faculdade de Letras de Lisboa, cujo Conselho lhe conferiu a direção da *Cadeira de Estudos Camonianos*, deixada, sem sucessão, em 1933, pelo saudoso camonista dr. José Maria Rodrigues, a quem tantos trabalhos de fôlego deve o poeta do Mondego. Somos, portanto, quase suspeitos para dar a nossa palavra sobre a obra do prof. Hernani Cidade, tal a simpatia e o prestígio intelectual de que goza o Autor aqui em São Paulo e particularmente na Cadeira de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O autor dispôs em três tópicos fundamentais o plano do seu estudo da poesia lírica do poeta: viu primeiramente a **formação do poeta**; em seguida, a **temática** e as confidências do homem; finalmente, os valores expressivos da sua arte. Os dois outros aspectos, que se desarticulam propriamente da avaliação da obra, estão representados pela **biografia** e pelo **Cânone** da Lírica, mais pertinentes a uma edição filológica da obra, onde se dispersariam em notas informativas de rodapé as controvérsias relativas à paternidade literária e os farrapos biográficos do artista, que, assim cosidos, descambam para a rapsódia novelesca de contornos imprecisos e cheia de bruscas interrupções (o próprio Autor o confessa: "É impossível, aliás, seguir sem saltos bruscos uma biografia onde há tantas impenetráveis obscuridades" (pág. 48). Possível-

mente o propósito inicial de uma obra de conjunto sobre a lírica de Camões consiga justificar o acréscimo dessa matéria estranha à justipreciação estética da obra.

No primeiro tópico faz o prof. Cidade uma investigação inteligente dos afluentes culturais que contribuíram para a formação do poeta; vários foram os focos de influência, que não atuaram todavia segundo uma ordem cronológica no espírito do bardo: a **tradição poética nacional** — representada pela lírica trovadoresca (do século XIII ao Cancioneiro de Rezende); a **cultura clássica** — que o Renascimento generalizou pela Europa, e a **poesia petrarquista** — que trazia consigo o afluente da filosofia platônica do amor. As fontes propriamente ibéricas (que desceram para o poeta depois de haverem escoado pela poesia de Dante e se aprimorado no pincel de Petrarca) trouxeram-lhe aquela atitude quase religiosa para com a mulher amada — tênue reminiscência do “serviço” cavalheiresco dos tempos da feudalidade; a invocação do **mar** — como confidente ou fonte inspiradora, e o aspecto humorístico — que se traduz na sua poesia madrigalesca, alegre, irônica, facetada, onde o poeta se entretém com equívocos e trocadilhos, agudezas, paradoxos e toda uma pirotecnia intencional de metáforas e jogos de palavras.

O legado clássico se exprime na poesia camoniana através das reminiscências vergilianas, sumonenses e horacianas, cuja poesia Camões não somente leu como também extraiu dela algumas imagens, a paisagem bucólica, a matéria mitológica, a serenidade mediocre da vida rústica. O sensualismo e o aspecto dilemático do Renascimento levaram respectivamente para a poesia lírica de Camões o nú e a justaposição dos dois maravilhosos, duas notas que estão bem expressas no poema épico. Falando dessa duplicidade espiritual da Renascença, Hernani Cidade surpreende com rara intuição: “Os espíritos (do Renascimento) ainda não haviam feito, como no século XVII, a separação — estante entre a expressão da crença religiosa e a expressão do ideal artístico” (pág. 144). Era, portanto, difícil dissociar duas realidades que rolavam juntas no complexo cultural dos séculos XV e XVI.

Finalmente: a influência italiana e, por seu intermédio, a concepção idealista do amor (que vem do “Banquete” e provavelmente dos “Dialoghi d’amore” de Leão Hebreu). Essa contribuição, que se deve a Sá de Miranda quando de seu regresso da Itália em 1527, é manifesta no poeta luso — desde a sua profissão de fé ao **estilo novo** (na égloga “A rústica contenda...”), até à paráfrase do apaixonado de Laura. Feliciano Ramos, num pequeno ensaio (“Ensaio de Crítica Literária”, 1a. série, Coimbra, 1933) já havia esboçado o estudo das influências da lírica petrarquista na poesia lírica do poeta luso. Outros e outros aspectos surpreendera Cidade do cotêjo entre os dois vates, bem como entre a poesia camoniana e a poesia de Boscão; e aqui o Autor percebeu com fina acuidade crítica que tanto o define, até onde o cantor do Mondego superou a arte do poeta catalão. O influxo platônico é evidente, desde a expressão máxima nas redondilhas “Sobolos rios que vão...” até os sonetos — em que às vezes a filosofia do Divino alterna com a do mestre de Estagira. A propósito, permita-nos discordar dele o prof. Cidade, bem como o prof. Vieira de Almeida — que por sua vez não afina com algumas conclusões a que chegou Cidade na interpretação do soneto “Transforma-se o ama-

dor na coisa amada". O nosso reparo se refere à exegese do termo **semidea** e da adversativa **mas** que inicia o primeiro terceto da poesia. A lucidez crítica de Vieira de Almeida não percebeu todavia a razão do primeiro termo, como ainda o valor estilístico da conjunção nessa altura do soneto. Por sua vez, o prof. Cidade não parece estar certo quando afirma que a associação de conceitos das duas filosofias — a platônica e a aristotélica — perturba a unidade ideológica do soneto. Nos sonetos pertencentes à galeria da metafísica amorosa, é nota predominante o conflito (de que tem consciência o poeta) entre o mundo inteligível — que Camões apreende através da atividade racional, e o mundo sensível — em que o poeta vive. Dêsse conflito surge, quase sempre, a conclusão (adversativa) de que o amor (realidade supra-sensível) é impossível por via racional. O artista vive nesse duelo entre a Razão — que abstrai, e a sua experiência pessoal; entre a Razão e a Sensibilidade. Por isso percebeu bem Cristiano Martins, que viu nessa lírica do vate um "platonismo sem fé, um platonismo desiludido...", que advem da "irreparável divisão entre o sonho e a realidade, entre a fantasia e a experiência vivida, entre a idéia ou a imagem e as entidades concretas". Nos dois primeiros quartetos o poeta exprime a transformação do amante no objeto amado, através do muito imaginar; e a satisfação espiritual completa que advem dessa metamorfose, a ponto de mais nada desejar o corpo de alcançar. **Mas** (surge a nota que a sua experiência vivida opõe à tese platônica), "esta linda e pura semidea" está no pensamento como (se fôra) idéia: "semidea", porque o poeta tem consciência de sua realidade material e conseqüente impossibilidade de conceber a **idéia** pura, a **idéia perfeita**; a semi-idéia está, pois, enganosamente no seu pensamento como **idéia**. Não vemos por onde haja desequilíbrio na estrutura ideológica do soneto.

Na revisão do problema, das influências da filosofia de Judas Abarbanel sobre Camões, Cidade não chegou a conclusões definitivas, deixando em suspenso um pormenor que continua a vibrar seu ponto de interrogação no espírito dos exegetas. Os "Dialoghi d'amore" teriam, ou não, exercido o seu papel na formação espiritual do poeta? Ou a realidade poética transcende a índole das outras realidades? As balizas do conhecimento poético estariam, por acaso, decalcadas sobre contornos precisos das outras formas de conhecimento? A filosofia de Leão Hebreu deveria ter sido glosada com fidelidade pelo poeta que nela se inspirou?

Na análise da temática lírica, a inteligência lúcida do crítico distanciou-se longinquamente da interpretação crítica inexplicavelmente frívola e incoerente a que chegaram José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, devidamente reduzida no impiedoso ensaio que Antonio Sérgio dedicou aos ilustres prefaciadores da lírica de Camões ("ENSAIOS", t. IV, Lisboa, Seara Nova, 1934). E é ainda com as mesmas qualidades que o Autor percebeu as relações artísticas entre o poeta e a Natureza. Nesses painéis paradisíacos da natureza, em que a visão equilibrada e pagã do homem de Quinhentos se associa à doce emoção cristã diante da paisagem, está ainda um recanto estilístico no processo de adjetivação da realidade, que traduz com fidelidade o princípio do "ne quid nimis" previsto pela estética helênica da Renascença. Se o prof. Cidade não estudou o valor funcional dos adjetivos, não só no retrato da natureza como na

pintura física e moral da mulher amada, surpreendeu todavia muitos outros recantos indevassados do poder artístico do poeta na descrição e comunhão da natureza. Os limites desta nossa apreciação não permitem pôr em evidência outros tantos achados da investigação do prof. Cidade, que devassou ainda a religião do poeta, descobriu na lírica o espírito de cruzada que vivifica o seu poema épico, o culto do herói clássico — numa confirmação do conceito de hierarquia social e do aristocratismo de espírito do poeta; os meios expressivos de sua arte e até onde atuou na criação literária do poeta a diretriz racional na formação dos símbolos e das metáforas.

O livro do prof. Cidade constitui, por todos e outros motivos, um jôro de luz sobre a figura do criador das Tágides, esse poeta que oscilava “entre os dois polos opostos da vida espiritual: — o naturalismo pagão da moda cultural e o espiritualismo tradicional de inspiração cristã”.

### SIGISMUNDO SPINA

PEREIRA DA COSTA (F. A.). — **Anais Pernambucanos**. Vol. II: 1591-1634. Arquivo Público Estadual. Recife, 1952. 638 p.

Em o número anterior desta **Revista** tivemos ocasião de noticiar o aparecimento do primeiro volume dos **Anais Pernambucanos** de Pereira da Costa, publicado pelo governo de Pernambuco, por iniciativa do sr. Agamenon Magalhães. Terminamos aquela nota fazendo votos para que tão valiosa iniciativa não ficasse no primeiro volume. E não ficou!... Mal entrou para o prelo o número anterior da **Revista de História**, recebemos o volume segundo da obra do historiador pernambucano, compreendendo os anos de 1591 a 1634.

Alcançando os primeiros anos da dominação holandesa, encerra este segundo volume preciosos subsídios para o estudo desse período de nossa história, extraído (o que é digno de menção) tanto de fontes portuguesas e brasileiras, como de holandesas. Tais subsídios não se limitam aos aspectos políticos e administrativos, mas, também, aos aspectos sociais, religiosos, étnicos e, sobretudo, econômicos. O A. travou conhecimento com a bibliografia holandesa referente ao Brasil, a começar pelo opúsculo de Moerbeek, que constitui verdadeiro ponto de partida para o estudo do período holandês. Convém lembrar que o referido opúsculo, que data de 1624 e se intitula **Motivos porque a Companhia das Índias Ocidentais deve tentar tirar ao Rei da Espanha a terra do Brasil** foi divulgado entre nós em 1942, numa edição do Instituto do Açúcar e do Alcool, traduzido pelo Padre Agostinho Keijzers e anotado por José Honório Rodrigues. Cumpre salientar, ainda, neste segundo volume dos **Anais Pernambucanos**, a reprodução de duas magníficas estampas da obra **América** de Arnoidus Montanus, impressa em Amsterdão em 1671.

“Lançado agora o presente volume (do prefácio), que, como se sabe, é o segundo de uma série de dez, praza aos céus que não se interrompa o ritmo de sua publicação, para que chegue a bom termo, divulgando-se todo esse monumento histórico, dentro do período governamental em que vivemos.” Es-